

CADERNO DE ENTREVISTAS

INTERVIEW NOTEBOOK

Maria Goretti Dias Lopes Paiva

Resumo

Este trabalho é produto final do Curso de Especialização em Revisão de Texto, Turma 2014/2015, do Instituto de Educação Continuada (IEC/PUC Minas) e mescla entrevistas estruturadas, feitas com professores do IEC/PUC Minas, e entrevistas imaginárias, com autores da área do curso, tendo como objetivo apresentar os principais pontos referentes à função e atuação de um revisor de textos. Dos especialistas consultados, foram extraídos pontos que mostram o perfil do profissional que atua com adequação textual, com revisão de originais. Conclui-se que um revisor de textos precisa agregar habilidades que incluem as novas tecnologias e adequação ao mercado da editoração.

Palavras-chave: Revisão de textos. Revisor textual. Perfil do revisor de textos. Preparação de originais. Editoração.

Abstract

This work is the final product of the Text Revision specialization course - Class 2014/2015, helded by the Institute of Continuing Education (IEC / PUC Minas). It includes a mix of structured interviews with teachers from IEC / PUC Minas, and imaginary interviews, with authors from course area, aiming to present the main points regarding the role and performance of a text reviewer. From the experts consulted, points were extracted that show the profile of the professional who works with textual adequacy, with revision of originals. It is concluded that a proofreader needs to add skills that include new technologies and adaptation to the publishing market.

Keywords: Text revision. Textual reviewer. Profile of the proofreader. Preparation of originals. Publishing.

Apresentação

Sou formada em Letras e em Jornalismo. A palavra é meu mundo. Fica ali a me olhar até que a ela eu me entregue, seja em um texto jornalístico, em um trabalho acadêmico e até mesmo em rabiscos que não ousou chamar poemas.

Ao terminar o Curso de Pós-Graduação em Revisão de Textos, na PUC Minas, decidi fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) entrelaçando estas duas áreas – o Jornalismo e a Revisão de Textos. Quis registrar, em uma pesquisa, o saber acadêmico dos professores do curso de revisão – seus métodos, suas práticas, seu fazer, seus caminhos trilhados.

Relacionei os professores da PUC Minas que integram os quadros do IEC e que atuam como revisores de textos. Enviei 17 questionários. Recebi respostas de oito professores, a quem muito agradeço.

Ao fazer a pesquisa, fui me imaginando em um grande debate com os teóricos do texto. Como se os estivesse entrevistando, entrando em seus livros e fazendo-lhes perguntas para o meu Caderno de Entrevistas.

O resultado foram estas entrevistas que abordam as principais características do profissional da revisão de textos, os conceitos com os quais ele mais trabalha, como um “pinçar” das obras dos estudiosos os aspectos mais práticos da profissão.

1. Entrevistas com Teóricos

1.1 Quanto ao revisor:

GORETTI PAIVA: Para você, Mayara, o que é o revisor de textos?

MAYARA ESPÍNDOLA LEMOS: O revisor é o profissional responsável por ajustar as imperfeições estruturais, lexicais, linguístico-gramaticais e semânticas de um texto. A revisão do texto se processa depois de o seu autor tomá-lo por finalizado e antes de ser publicado/divulgado. Assim, corrigem-se inadequações linguísticas e semânticas que podem passar despercebidas pelo autor, cabendo ao profissional de revisão fazer os ajustes necessários para, então, expô-lo publicamente. Para isso, a atividade do revisor vai além da correção gramatical, uma vez que é necessária a análise do texto como um todo, observando estrutura, contexto, sentido, gênero textual, elementos de coesão e de coerência e estilo do autor. (2014, 142)¹

GORETTI PAIVA: Apenas bons conhecimentos gramaticais, então, não são suficientes...

MAYARA ESPÍNDOLA LEMOS: O conhecimento de mundo é essencial ao revisor de textos. Esse profissional precisa estar atualizado sobre os acontecimentos de seu tempo e dominar questões históricas que serão importantes ao longo de sua prática profissional. Essas competências exigem do profissional um aperfeiçoamento constante, não só em relação às mudanças da língua, mas também no que se refere a conhecimentos gerais e específicos de determinada área do saber escolhida pelo revisor para atuar. Por isso, é importante a esse profissional se manter atualizado e informado a respeito de assuntos diversos presentes no cotidiano. (2014, 142)

GORETTI PAIVA: Qual o papel do revisor de textos?

ARISTIDES COELHO NETO: Dos originais ao livro pronto, o caminho é longo. Nesse caminho, o papel do revisor de textos é de fundamental importância, quando existe preocupação do cliente (o editor ou o próprio autor) com a qualidade do material

¹ À frente da resposta, seguem ano e página da obra consultada, cuja referência completa encontra-se ao final deste trabalho.

publicado. É na revisão textual consciente, detalhista, competente, que o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros ortográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizes praticados pelo autor. (2013, 58)

GORETTI PAIVA: Quais são as atribuições de um revisor?

ARISTIDES COELHO NETO: Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrands, doutorands, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.; revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos). É a chamada revisão técnica. Revisar textos a serem disponibilizados na internet; revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada). Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente. (2013, 59)

GORETTI PAIVA: Qual padrão o revisor deve seguir?

ARISTIDES COELHO NETO: O revisor tem de reconhecer (ou ter intimidade com) os diversos tipos de textos que seguem parâmetros da norma culta: narrativos (romances, contos), descritivos (relatórios, atas), dissertativos/argumentativos (teses, ensaios, monografias), poéticos (poemas), dramáticos (peças teatrais), epistolares (correspondências em geral). Além de conhecer as diferentes finalidades e funções linguísticas desses textos, deve o revisor saber das formas de expressão adequadas a cada situação: as polidas, as cerimoniosas, as diretas (sem rodeios), as informais, até mesmo as gírias, e as populares, que muitas vezes merecem ser preservadas num texto. [...] Deve o revisor, portanto, conciliar a decisão acerca da norma com o registro do texto: seja texto formal escrito, seja a norma culta; seja texto coloquial falado, a norma doméstica, familiar. Se falamos “vô pegá”, precisamos escrever “vou pegar” (caso não se trate de transcrição ao pé da letra de um diálogo, ou mesmo uma intenção do autor). O revisor textual deve desenvolver o bom senso e também o diálogo com o editor quanto às regras internas, quanto aos rumos de uma revisão, para a definição clara do que será aceito – o que passa pelo proibido e pelo tolerado. (2013, 77)

GORETTI PAIVA: O sr. quer dizer respeitar as marcas de oralidade do texto?

ARISTIDES COELHO NETO: A linguagem oral geralmente é marcada pela informalidade, pela redundância, pela imprecisão. Para esta última influem o nível cultural do falante, seu estado emocional (e da plateia também), bem como o grau de monitoração (ato de policiar a linguagem verbal do agente do discurso). Tanto a fala como a escrita podem variar num *continuum* de gradações entre a formalidade e a informalidade. Nos extremos dos dois polos encaixam-se, de um lado, a fala mais descontraída e a mais informal; do outro, a fala mais monitorada e a escrita mais formal. Não saber quando usar uma e outra é próprio de quem está dando seus primeiros passos no terreno da produção de textos. Há de se exercitar muito para saber em quais contextos os recursos da fala e da escrita informal funcionam bem e quando são inadequados. (2013, 78)

GORETTI PAIVA: Então, como deve agir o revisor?

ARISTIDES COELHO NETO: O impasse que toma conta do revisor em trabalhos dessa ordem geralmente tem de ser dirimido pelo editor ou pelo preparador dos originais, qual seja: (1) a decisão de retirar todos os vestígios da oralidade, ou (2) a decisão de mantê-los todos, mas corrigindo pontuação, promovendo a concordância, verificando ortografia, ou (3) a decisão de buscar um meio-termo em que prevaleça o bom senso. (2013, 79)

GORETTI PAIVA: Quais são os principais instrumentos de trabalho do revisor de textos?

ARISTIDES COELHO NETO: Optamos por citar a prática da leitura como o primeiro instrumento para um revisor, levando em conta que a escrita não pode ser desvinculada do ato de ler. Esse conceito diz respeito a quem escreve, por conseguinte, a quem revisa. [...] Tudo o que lemos incrementa o nosso repertório linguístico, desde as bulas de remédio, os manuais, as legendas dos anúncios, até os jornais, os livros, as cartas domésticas, os expedientes oficiais. Incluem-se os textos primorosos, os textos sofríveis, os textos lamentáveis – como os das salas virtuais de bate-papo (chats), das redes de relacionamento, dos blogs e dos e-mails apressados. [...] O revisor não pode prescindir dos dicionários convencionais (de significados), impressos ou digitais, fontes de consulta preliminar. Se ao seu arsenal ele acrescentar dicionários etimológicos, enciclopédicos, ortográficos, jurídicos, mais facilidade terá para lidar com os textos. [...] Nos trabalhos de revisão textual, não há como dispensar as gramáticas normativas, as descritivas e as pedagógicas. Elas constituem material de aprofundamento para os que já dominam o sistema e os subsistemas da língua. Já os manuais de redação e estilo governamentais, jornalísticos, empresariais são instrumentos de homogeneização da redação institucional. Sua praticidade é incontestável. Não substituem, porém, outras fontes de referência, como gramáticas e dicionários – os manuais são complementares. (2013, 92, 94, 96)

GORETTI PAIVA: Que postura o revisor deve adotar diante do texto?

ARISTIDES COELHO NETO: Numa revisão, subentende-se, foram delegados poderes ao seu agente (o revisor) para aprimorar o texto do autor. Aquele é, assim, extensão do autor. Ao mesmo tempo o revisor é leitor – o comum, o exigente, o ingênuo. Cabe-lhe então desenvolver uma forma de leitura em que atue como decisor linguístico, mas na condição de público-alvo ao mesmo tempo, desenvolvendo ainda a habilidade de verificar não só forma como conteúdo. Parece complicado, mas é como dirigir um carro – no começo parece difícil. [...] O leitor não tem poder para interferir no texto, mas o papel do revisor é proativo – ele age sobre o texto. Daí a necessidade de o revisor trafegar com intimidade e conhecimento de causa pelos conceitos para elaboração de um bom texto, pela sua análise, pelo ato de recorrer a todos os instrumentos que dão suporte a quem quer escrever bem, assim como recorrer a outros que lhe deem subsídios. (2013, 93)

GORETTI PAIVA: Como o revisor deve fazer a intervenção no texto?

ARISTIDES COELHO NETO: O revisor exerce uma posição de crítico construtivo do material escrito. E para apontar problemas num texto, o revisor necessita conhecer a técnica da redação. Substituir frases longas por duas (ou mais) curtas. Palavras simples devem ser preferidas às pomposas. Expressões mais usuais. Usar sentenças na forma positiva. Utilizar voz ativa. Priorizar substantivos e verbos, e conter o uso de adjetivos e advérbios. O bom redator é conciso. Transmite a ideia completa com o mínimo de palavras. Dar clareza às citações. (2013, 94)

GORETTI PAIVA: Na cadeia da produção de textos, o revisor trabalha só?

MAYARA ESPÍNDOLA LEMOS: Por ser um profissional da área da comunicação, o revisor, além de estar preparado para lidar com os mais variados gêneros textuais, necessita saber dialogar com os demais profissionais envolvidos na produção textual, sejam esses autores/escritores e tradutores, sejam editores. Diante desse quadro de aptidões do revisor de textos, é possível observar a importância da atividade desse profissional em diferentes ambientes/funções tais como: editoras, jornais, revistas, rádio, televisão, cargos públicos, agências de publicidade e demais empresas que lidam com a comunicação através do texto. (2014, 143)

GORETTI PAIVA: Existe a Profissão do Revisor de Textos?

MAYARA ESPÍNDOLA LEMOS: Ainda não. No site Petição Pública Brasil, é possível encontrar um abaixo-assinado referente à necessidade de regulamentação para a profissão de revisor de textos. O documento usa o argumento de que a concorrência do trabalho do revisor especializado para a atividade com praticantes não qualificados é desleal, relatando que a revisão de textos exige preparo específico e dedicação integral. Para finalizar, a petição cita como exemplo que profissionais de engenharia não podem realizar cirurgias plásticas, nem médicos podem projetar escritórios. Assim, por que, então, qualquer profissional que estuda a linguagem pode revisar textos? [<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=P2012N32161>] Em 2013, o Senado aprovou o Projeto de Lei nº 5732/2013 que regulamenta a profissão de transcritor e revisor de textos em braile. A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), definida pela portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por objetivo identificar as ocupações no mercado de trabalho. A CBO reconhece, nomeia e codifica as ocupações. No entanto, a profissão de revisor não possui um reconhecimento individual, ficando mais uma vez inserida nas atribuições do jornalista. (2014, 144-145)

GORETTI PAIVA: Qual a diferença entre o revisor e o copidesque?

ARISTIDES COELHO NETO: A atividade de copidesque é mais completa que a de revisão. No processo de copidesque, o profissional propõe, reescreve, revisita o original, com a finalidade precípua de “relavrar” o texto. Há textos ricos em conteúdos, mas que não resistem a uma análise acurada. É nessa hora que o revisor (ou o copidesque) tem de exhibir seu conhecimento de leitura, de cultura geral, e sua habilidade na produção de texto, conferindo clareza ao trabalho. (2013, 109))

1. 2 Quanto ao autor:

GORETTI PAIVA: E como podemos definir o que é um autor?

PATRICK CHARAUDEAU & DOMINIQUE MAINGUENEAU: O autor é quem responde por seus escritos, é o alvo potencial da censura e por esse motivo deve assinar suas obras. [...] A uma concepção de texto como não pertencente a ninguém, porque concebido em uma língua, com ideias que pertencem a todos, opõe-se o princípio de um reconhecimento de texto como “obra”, produto de um trabalho, portanto, suscetível de uma apropriação e de uma remuneração. (2014, 85)

GORETTI PAIVA: Mas todo autor deveria rever seu texto, antes de mais nada, certo?

ARISTIDES COELHO NETO: Sim. O texto escrito é produzido e necessariamente revisado pelo autor, que o reavalia quanto ao funcionamento, com vistas a evitar repetições desnecessárias, truncamentos, problemas de concordância, regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia. A sintaxe que usamos na escrita é mais complexa, ensejando a exatidão e a clareza do pensamento. O vocabulário é mais exato e preciso, porque mais refletido, na medida em que há tempo disponível para adequar cada palavra ao sentido que se quer imprimir. (2013, 80)

GORETTI PAIVA: Em seu livro “Além da Revisão” o sr. pergunta o que deve o revisor fazer quando o autor gosta de criar palavras para as quais não há registro formal? O que deve ele fazer?

ARISTIDES COELHO NETO: Antes de mais nada, deverá ficar claro que o revisor não tem direito de criar palavras. Já o autor, sim. Há autores que encarnam com moderação o espírito de Guimarães Rosa. Mas há outros que criam desvairadamente, mesmo sem conhecer a imensa oferta de cerca de 400 mil vocábulos que existem no nosso português, e com o aval de dicionaristas. [...] Se o revisor estiver diante de palavras inventadas, este deverá verificar se existe um respaldo técnico para tais incursões no mundo da criatividade lexical. Se não houver, e se o revisor perceber que o autor está satisfazendo um capricho pessoal que não será alcançado cognitivamente pelo leitor, aquele deverá ser alertado, e este, poupado. (2013, 80)

1. 3 Quanto ao processo de revisão:

GORETTI PAIVA: Quais são as regras que norteiam a revisão?

ARISTIDES COELHO NETO: Destacamos três tipos de parâmetros que o revisor deve levar em conta em seu trabalho. Não são valores rígidos, mas regras que merecem reflexão: 1-Regras maiores (da norma culta); 2-Regras do editor (ou do próprio cliente, quando se tratar de uma produção independente, e no caso de ele possuir uma visão desenvolvida nessa área); 3-Regras pessoais do revisor. (2013, 102)

GORETTI PAIVA: Quais são as etapas preliminares da revisão?

ARISTIDES COELHO NETO:

- Quantifique e defina se o trabalho será em meio impresso ou em meio digital.
- Intei-se do grau de complexidade ou de tecnicidade do trabalho.
- Defina quem fará as emendas (se você mesmo, se o autor, o editor ou o diagramador) e quantas serão as revisões (caso de *freelancer*).
- Defina se o trabalho é emergencial ou não. Isso influi no preço.
- Defina prazos, preços e condições de pagamento.
- Se não for acompanhar as emendas até o final, defina se seu nome deve ou não aparecer no expediente (ficha técnica).
- Oficialize sua proposta (por carta ou e-mail).
- Evite deslizes de ortografia, de pontuação, de concordância etc. no seu texto, já que a maneira de se expressar poderá definir se a sua proposta será aceita ou não.
- Em originais impressos, numere as páginas antes de começar a trabalhar. (2013, 107)

GORETTI PAIVA: Como se dá a revisão propriamente dita?

ARISTIDES COELHO NETO: Normalmente são feitas três revisões. A primeira revisão feita pelo revisor deve constar de duas leituras, no mínimo. A segunda consiste no cotejamento com os originais trabalhados anteriormente. Não se faz segunda revisão sem os originais com apontamentos da primeira revisão – estes são considerados documentos e devem ser arquivados, com vistas a dirimir eventuais dúvidas. O revisor pode perfeitamente, nessa fase, rever suas posições. Geralmente a terceira revisão é feita sobre prova heliográfica, a chamada prova de prelo, que simula a paginação. (2013, 107-108)

GORETTI PAIVA: Como se deve fazer a revisão de conteúdo?

MARIA TERESA SERAFINI: Na revisão de conteúdo, é preciso seguir estes princípios-guia: a) a tese deve emergir com clareza e facilidade; b) cada parágrafo deve

apresentar uma ideia principal; c) os pressupostos fundamentais dos raciocínios devem ser explícitos; d) deve ser apresentado um número suficiente de exemplos; e) sínteses e ligações entre os raciocínios devem guiar o leitor; f) deve-se sempre manter o leitor atento. (2003, 82-85)

GORETTI PAIVA: E quanto à revisão da forma, como fazê-la?

MARIA TERESA SERAFINI: A principal característica das regras de revisão da forma de um texto é que elas podem ser aplicadas localmente, parágrafo por parágrafo, sem exigir a reestruturação do texto inteiro. Assim, podem ser feitas as observações seguintes: a) devem-se usar frases curtas e sintaticamente pouco complexas; b) palavras e expressões supérfluas devem ser eliminadas; c) os pronomes supérfluos devem ser eliminados; d) as frases feitas devem ser eliminadas; e) duplas negações e passivas devem ser eliminadas; f) devem-se evitar as assimetrias, por exemplo, coordenar um advérbio e um substantivo; g) devem-se evitar os erros de sintaxe. (2003, 86-91)

GORETTI PAIVA: Quais são os tipos de correções mais utilizadas em revisão de textos?

MARIA TERESA SERAFINI: Os estudos mostram que as correções mais usadas são três: indicativa, resolutive e classificatória. A correção indicativa consiste em marcar junto à margem as palavras, frases e períodos inteiros que apresentam erros ou são pouco claros. A correção resolutive consiste em corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros. A correção classificatória consiste na identificação não-ambígua dos erros através de uma classificação, com a sugestão das modificações. Nas correções indicativas e resolutivas prevalece uma atitude descritiva, enquanto nas correções do tipo classificatório prevalece uma atitude operativa. No primeiro caso, trata-se o erro de fora, descrevendo-o ou resolvendo-o; no segundo, identifica-se o porquê do erro, especificando a operação errada. (2003, 113-115)

GORETTI PAIVA: Há um roteiro no qual o revisor possa se basear?

MARIA TERESA SERAFINI: Existe uma planilha de correção de dissertação em colégios que pode ser adaptada para outros textos, criando-se novas categorias a serem analisadas. A primeira parte da planilha leva em conta a organização e conteúdo, quando podem ser observadas as seguintes categorias: tese; correspondência entre ideias e parágrafos; precisão dos argumentos; presença de exemplos; nexos lógicos; introdução e conclusão; documentação; riqueza de ideias. Na segunda parte da planilha, leva-se em conta a linguagem e a forma, observando os aspectos de comprimento dos parágrafos e das frases; clareza e legibilidade; adequação de linguagem; sintaxe; pontuação; ortografia. (2003, 116)

1. 4 Quanto à língua:

GORETTI PAIVA: No estudo da Língua, o que um revisor deve levar em conta?

MICKAIL BAKHTIN: A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que e realiza. 2. As formas distintas de enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinada interação verbal. 3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (2011, 128-129)

GORETTI PAIVA: O sr. pode, por favor, explicar um pouco melhor?

MICKAIL BAKHTIN: Vamos tentar formular nosso ponto de vista com as seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.
2. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente leis sociológicas.
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se "uma necessidade de funcionamento livre", uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo "individual") é uma *contradictio in adjecto*. (2011, 131-132)

GORETTI PAIVA: Fale-nos um pouco da sua visão de língua, Marcuschi?

MARCUSCHI: A língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Tomo a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. E ainda, a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada

circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples. (2015, 242)

GORETTI PAIVA: Então, nossas escolas estão errando, pois muitas tratam o texto como um produto acabado...

MARCUSCHI: É verdade, o texto acaba funcionando como um *container*, onde se entra para pegar as coisas. Mas o texto não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo sempre emergente em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. (2015, 242)

1. 5 Quanto ao conceito de texto:

GORETTI PAIVA: Queria discutir agora o conceito de texto...

BRONCKART: Numa primeira acepção, muito geral, a noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita. Textos diferentes, mas dotados de características comuns: cada texto está em relação de interdependência com as propriedades do contexto em que é produzido; cada texto exibe um modo determinado de organização de seu conteúdo referencial; cada texto é composto de frases articuladas umas às outras de acordo com as regras de composição mais ou menos estritas; enfim, cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna. Assim, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). (2012, 71-75)

GORETTI PAIVA: E você, Costa Val, o que nos diz?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. (2006, 3)

GORETTI PAIVA: Quais as propriedades básicas de um texto?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: A primeira é que um texto é uma unidade de linguagem em uso. A segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma unidade semântica. Uma ocorrência linguística para ser um texto, precisa ser percebida pelo receptor como um todo significativo. Finalmente, o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso. (2006, 3-4)

GORETTI PAIVA: Quais são os aspectos na avaliação de um texto?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: Um texto será bem compreendido quando avaliado sob três aspectos: a) o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; b) o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; c) o formal, que diz respeito à sua coesão. (2006, 5)

GORETTI PAIVA: E a sua concepção de texto, Ingedore Koch?

INGEDORE VILLAÇA KOCH: O texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e que são postos em ação em situações concretas de interação social. Textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. (2013,26)

GORETTI PAIVA: Explique-nos um pouco mais essa questão?

INGEDORE VILLAÇA KOCH: Defende-se a posição de que: a) a produção textual de uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; b) trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos, isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições, sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; c) é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual. (2013,26)

1.6 Quanto à noção de intertexto:

GORETTI PAIVA: E o intertexto, Bronckart?

BRONCKART: O intertexto é constituído pelo conjunto de gêneros de textos elaborados pelas gerações precedentes, tais como são utilizados e eventualmente transformados e reorientados pelas formações sociais contemporâneas. A organização desses gêneros apresenta-se na forma de uma nebulosa, constituída por conjuntos de textos muito claramente delimitados e rotulados pelas avaliações sociais. Esses gêneros são necessariamente indexados, isto é, são portadores de um ou de vários valores de uso: em uma determinada formação social, um gênero é considerado como mais ou menos pertinente para uma determinada situação de ação. Em um determinado estado sincrônico, essa nebulosa de gêneros indexados constitui uma espécie de reservatório de modelos

textuais, ao qual todo agente de uma ação de linguagem deverá necessariamente recorrer. (2012, 100-101)

GORETTI PAIVA: Como se fosse uma espécie de baú coletivo da memória textual?

BRONCKART: Bem, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis e que ficam no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (2012, 137)

GORETTI PAIVA: Podem dizer-nos algo sobre texto e contexto?

NORMA GOLDSTEIN, MARIA SILVIA LOUZADA E REGINA IVAMOTO: Texto é toda produção linguística, oral ou escrita, que apresenta sentido completo e unidade. Tais produções podem ser elaboradas por um ou mais autor, numa determinada situação. Para garantir a compreensão, o autor deve articular bem as partes do texto. É o contexto que determina o modo como vamos utilizar a linguagem na interação com outras pessoas, seja em textos falados ou em textos escritos. Cada situação exige um tipo de escolha por parte de quem fala ou escreve. Os textos devem ser planejados considerando o espaço em que vão circular e os leitores a que se destinam. (2010, 11)

GORETTI PAIVA: Qual a distinção entre texto e discurso?

LEONOR LOPES FÁVERO e INGEDORE G. VILLAÇA KOCH: O termo texto pode ser tomado em duas acepções: texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura, etc), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado por meio de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, em uma situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido estrito). Nesse sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência. (2012,34)

1. 7 Quanto à noção de textualidade:

GORETTI PAIVA: O que é textualidade?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases. (2006,5)

GORETTI PAIVA: Quais são os fatores responsáveis pela textualidade de um discurso?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: Eu destaco sete fatores defendidos por Beaugrande e Dressler: a coerência, a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. (2006, 5)

GORETTI PAIVA: Poderia, por favor, nos falar sobre cada um desses fatores ainda que resumidamente?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: A coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerado o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores. Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor. Essa questão é fundamental. O texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. A coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso. (2006, 5)

GORETTI PAIVA: E a coesão, o que é?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: A coesão é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais. (2006, 6)

GORETTI PAIVA: E a intencionalidade e a aceitabilidade, como se explicam?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc. e é ela que vai orientar a confecção do texto. Em outras palavras, a intencionalidade diz respeito ao valor ilocutório do discurso, elemento da maior importância no jogo de atuação comunicativa.

O outro lado da moeda é a aceitabilidade que concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor. (2006, 10-11)

GORETTI PAIVA: E quanto à situacionalidade?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: É a situacionalidade que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa. O contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e, normalmente, orienta tanto a produção quanto a recepção. (2006, 12)

GORETTI PAIVA: Falemos agora da informatividade.

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: O interesse do receptor pelo texto vai depender do grau de informatividade de que o último é portador. Diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal. O ideal é o texto se manter no nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências de processamento imediato, que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem a novidade. Para mim, o texto com bom índice de informatividade precisa ainda atender a outro requisito: a suficiência de dados. Isso significa que o texto tem que apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende. (2006, 14)

GORETTI PAIVA: E, por fim, o que dizer da intertextualidade?

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL: A intertextualidade concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s). Isso é verdade tanto para a fala coloquial em que se retomam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou noticiários dos jornais que requerem um conhecimento de discursos e notícias já divulgadas, que são tomados como ponto de partida ou são respondidos. (2006, 15)

1. 8 Quanto aos gêneros do discurso:

GORETTI PAIVA: Quais são os principais gêneros textuais?

NORMA GOLDSTEIN, MARIA SILVIA LOUZADA E REGINA IVAMOTO: Há os gêneros prescritivos que remetem à vida real, regulando o comportamento das pessoas, esclarecem procedimentos a serem seguidos, como por exemplo, bulas de remédio, contrato, regulamento, manuais. O romance, o conto e a peça teatral circulam na esfera literária ficcional: revelam narrativas imaginárias criadas por um autor, igualmente fictícias. Por serem verossímeis, dão a impressão de serem verdadeiras, mas não passam de invenção. São, portanto, gêneros ficcionais. Já as aulas, os seminários, as palestras, os relatórios, os verbetes de dicionários preocupam-se com a construção e a transmissão precisa de saberes. Transmitem conhecimentos e são chamados de gêneros expositivos. A notícia, o diário, o depoimento pessoal, o relato de viagem e até mesmo o curriculum vitae têm como finalidade a documentação e o registro de fatos reais. Eles possibilitam a memorização e o registro das ações humanas; são gêneros com a finalidade de relatar. Os gêneros argumentativos compõem um agrupamento marcado pela discussão de questões controversas, que envolvem opiniões divergentes sobre determinado tema. O editorial, o artigo de opinião, a carta de reclamação, o debate oral, o discurso de acusação ou de defesa (no universo jurídico) são exemplos de gêneros argumentativos. (2010, 16)

GORETTI PAIVA: Sobre os Gêneros do Discurso, o que é importante o revisor saber?

MICKAIL BAKHTIN: A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque, em cada campo dessa atividade, é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico. (2011, 262-263)

GORETTI PAIVA: Queria entender um pouco mais sobre os gêneros...

PATRICK CHARAUDEAU & DOMINIQUE MAINGUENEAU: Há diferentes classificações para os gêneros que seguem critérios de composição, forma e de conteúdo; critérios que remetem a diferentes modos de conceber a representação da realidade; critérios que remetem à estrutura dos textos e, particularmente, a sua organização enunciativa. O problema das classificações é que um mesmo tipo de texto pode acumular vários desses critérios... Agora, do ponto de vista funcional, os estudiosos procuram estabelecer funções com base na atividade linguageira, a partir das quais as produções textuais podem ser classificadas segundo o polo do ato de comunicação em direção ao qual elas são orientadas. As correntes são muitas... Por exemplo, Jakobson estabeleceu as

funções emotiva, conativa, fática, poética, referencial e metalinguística. Halliday definiu as funções instrumental, interacional, pessoal, heurística, imaginativa, ideacional, interpessoal etc. Já Brown e Yule resumiram as funções em transacional e interacional. Há os que defendem um ponto de vista enunciativo, outros, um ponto de vista textual e outros ainda um ponto de vista comunicacional. A diversidade dos pontos de vista mostra a complexidade da questão dos gêneros, incluindo as denominações “gêneros de discursos”, “gêneros de textos”, “tipos de textos”... Ora leva-se em conta a ancoragem social do discurso, ora sua natureza comunicacional, ora as regularidades composicionais dos textos, ora as características formais dos textos produzidos. (2014, 249-251)

GORETTI PAIVA: O senhor concorda, sr. BRONCKART?

BRONCKART: Podemos propor o seguinte sistema de equivalências terminológicas:

- Ações de linguagem – as formas e tipos de interação de linguagem e as condições concretas de sua realização;
- Gêneros de textos – os gêneros do discurso, gêneros de texto e/ou formas estáveis de enunciados;
- Textos – os enunciados, enunciações e/ou textos, quando se trata de produções verbais acabadas, associadas a uma mesma e única ação de linguagem;
- Enunciados – segmentos de produções verbais do nível da frase;
- Tipos de discurso – línguas, linguagens e estilos, como elementos constitutivos da heterogeneidade textual (2012, 143)

GORETTI PAIVA: O senhor queria dizer algo mais, sr. BRONCKART?

BRONCKART: Ainda quanto à questão terminológica, parece-nos preferível manter um aparelho nocional que distinga três níveis de abordagem:

- as atividades de linguagem em funcionamento nas coletividades humanas, que se desenvolvem no quadro de formações sociodiscursivas e nas quais participam agentes singulares, como sedes de ações de linguagem determinadas;
- os textos, como formas comunicativas globais e “finitas” constituindo os produtos concretos das ações de linguagem, que se distribuem em gêneros adaptados às necessidades das formações sociodiscursivas, permanecendo esses gêneros, cujo número e cujas fronteiras são por essência indeterminados, à disposição, como modelos, nesse construto sócio-histórico que é o intertexto;
- os tipos de discurso como formas linguísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados que conferem ao todo textual sua coerência sequencial e configuracional. (2012, 144)

2. Entrevistas com os Professores da Puc Minas

Mário Francisco Ianni Viggiano, professor do Departamento de Comunicação e Letras, atua com Revisão de Textos há mais de 20 anos. “Realmente, são muitos anos trabalhando com revisão de textos. Já revisei milhares de documentos de toda espécie. Um bom revisor de textos precisa ter atenção, concentração e ver ‘além do texto’. As linguagens não verbais também são muito importantes e podem afetar a qualidade do trabalho do revisor. E sobre a mesa de trabalho não podem faltar gramáticas e dicionários, além de buscas nos sites da ABL (Academia Brasileira de Letras - seção vocabulário) e de Ortografia. No campo da revisão de textos, os acertos são pouco valorizados. Quando você aponta um caminho mais interessante, isso é visto como uma obrigação e não como competência. O erro é visto como o ‘fim do mundo’, nem sempre é fácil se recuperar de uma decisão equivocada. Além disso, alguns clientes agora estão com uma estratégia absurda, no caso de erro, querem não pagar o serviço e pedir ajuda do revisor para ‘pagar’ o prejuízo junto com eles.”

Patrícia Goulart Tondineli, professora de Português, na área há 10 anos. “Durante a minha carreira, já trabalhei junto à Imprensa da UNIMONTES, fixa, como revisora de textos diversos. Além disso, revisei cadernos didáticos para a Universidade Aberta do Brasil, livros científicos e infantis, anais de congressos, revistas, monografias, teses, dissertações e artigos científicos. Antes de mais nada, o bom revisor deve possuir criticidade e discernimento, respeitando sempre, em sua correção, a voz do autor do texto. O domínio das regras da língua é essencial, assim como repertório lexical vasto e diversificado. Também entra nesse pacote domínio quanto à tipologia e aos gêneros textuais, bem como a capacidade de perceber as diversas relações funcionais dentro do texto. O bom revisor precisa de Gramáticas da língua e dicionários. O site da Academia Brasileira de Letras é arma poderosa para solucionar dúvidas quanto às novas regras ortográficas. Também algum site, como o Michaelis, que possua dicionário oficial. As revisões que efetuo em textos de áreas não afins à minha área de atuação são sempre dignas de destaque, pois se constituem em desafio constante, tanto em relação a termos técnicos quanto à sintaxe, que pode vir a ser mais elaborada, como em textos da Filosofia, ou bem enxutas, como em textos da área de Exatas.”

Gilberto Xavier da Silva atua nas áreas da Literatura e Revisão de Texto desde 1990. “Fui por um bom tempo professor e coordenador da área de português (literatura e redação) de cursos preparatórios. Liderei e orientei equipes de correção durante uns 10 anos. Além disso, sempre trabalhei (*freelancer*) com revisão de teses e dissertações. Também coordenei uma equipe de estagiários, na PUC Minas, que trabalhavam na revisão de algumas revistas dessa instituição. Além de ter um bom conhecimento da língua portuguesa, é de fundamental importância que o revisor traga consigo uma excelente bagagem cultural, que tenha conhecimentos não somente na área em que atua, mas em outras, como artes e história, por exemplo. Isso porque, a meu ver, um bom revisor não é simplesmente aquele que confere ortografia, pontuação e sintaxe, revisão vai muito mais além disso. Bem, creio que gramáticas, dicionários da língua portuguesa, de regência, de

ortografia, enciclopédias, em versões impressas e/ou eletrônicas, devem fazer parte da rotina de um revisor. Não costumo fazer consultas em sites. E o que mais me marcou em minha experiência profissional foi o trabalho como coordenador/supervisor de equipe de estagiários.

Cristiano Florentino, revisor de texto desde 1995, quando ainda cursava o quinto período do curso de Letras. “Iniciei revisando artigos, dissertações e teses de forma autônoma, o que perdura até hoje. Além disso, fui revisor de uma editora de livros didáticos durante três anos e sou revisor do TJMG desde 2010. O bom revisor precisa dar atenção à norma culta, às variantes e aos padrões de linguagem existentes na sociedade, às inovações linguísticas, tanto oficiais quanto naturais, e à cultura de forma geral. Deve valer-se de dicionários e gramáticas e, impressos ou em sites, e, no caso de uma revisão mais específica, acadêmica ou oficial, usar manuais. O que mais me marcou nesse tempo, foi o início, quando professores especializados em linguagem, revisão, tradução e edição foram meus mestres na universidade e me ensinaram os princípios de uma boa revisão.”

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros atua na área de Letras desde 2002. “Comecei revisando trabalhos de forma não profissional, para amigos; posteriormente, trabalhos acadêmicos, esporadicamente. Somente com o passar do tempo comecei a receber trabalhos de variada natureza, acadêmicos, literários, - mas sempre na dependência do tempo escasso, pois não é minha primeira profissão. Eventualmente, repasso a outros revisores demandas que não possa assumir. O revisor deve ser bom conhecedor da língua portuguesa padrão, porém, antes de tudo, alguém sensível ao desejo comunicativo do outro, do autor. Os holofotes não podem estar no revisor, senão se desvirtua seu papel - isto é, deve ser competente, sem ser arrogante ou exibicionista. Além de gramáticas normativas (gosto da Houaiss, do Azeredo, entre outras), o revisor deve ter manuais de redação e estilo, livros sobre expressões idiomáticas e um ótimo dicionário (agora, também há bons eletrônicos). Não costumo utilizar sites específicos - entro no Google para verificar alguma referência incompleta, alguma citação inadequada, informações truncadas, etc. O que mais gosto, em minha carreira, é trabalhar com revisão de textos literários, obras infantojuvenis. Sempre aprendo com todo tipo de trabalho de revisão, no entanto este me instiga.”

Terezinha Taborda Moreira atua nas áreas de Letras e Literatura desde 2009. “Atuo, especificamente, em revisão de artigos, resenhas, entrevistas, da área de literatura, destinados à publicação em periódicos científicos. Acredito que o revisor de textos deve ser um bom leitor, aberto à leitura de vários tipos de textos, de gêneros diferentes, inclusive, com curiosidade suficiente para, pelo menos, dar-se conta da diversidade de opções de escrita que circulam na contemporaneidade. Além disso, penso que o revisor de texto, em sua atividade, deve ser um profissional aberto ao diálogo com o autor, procurando criar condições para que este diálogo aconteça sempre, uma vez que ele pode enriquecer muito o produto final de seu trabalho, ou seja, o texto, qualquer que seja ele. Em sua mesa, não podem faltar duas boas gramáticas atualizadas, dois bons dicionários atualizados e uma edição do VOLP. Isso não significa seguir à risca as normas

canônicas e tradicionais de escrita, sem levar em consideração questões como o estilo de escrita do autor de um texto, o que é fundamental na revisão de um texto. A meu ver, esses livros devem funcionar como sinalizadores de opções básicas que podem, e às vezes, dependendo do caso, até devem ser vistas pelo revisor. Uso o site da Academia Brasileira de Letras, para esclarecer dúvidas sobre o vocabulário da língua portuguesa que extrapolam o VOLP. O que mais me atrai é o contato com os autores dos textos, que é sempre enriquecedor, porque além de estreitar relações de amizade com as pessoas, acabamos conhecendo melhor suas ideias e, conseqüentemente, ampliando o conhecimento.”

Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues atua na área Acadêmica. “Trabalhei por algum tempo com revisão e vi que é uma profissão que demanda muito tempo de trabalho. Como não consegui conciliar sala de aula e revisão, desisti. Para mim, um bom revisor precisa ter formação específica e fazer uso de gramáticas, dicionários e manuais, além dos sites de Língua Portuguesa.”

Daniela Tereza Santos Serra atua com Jornalismo e Educação. “Não atuo diretamente com revisão de textos, como função específica. Minha atuação consiste, essencialmente, na elaboração de conteúdo didático-pedagógico para graduação e pós-graduação nos cursos de Comunicação Social (Jornalismo) e Letras (Revisão de Gêneros Jornalísticos). Como tal, posso contribuir com a formação de profissionais que irão lidar diretamente com a elaboração de textos nas mais diversas esferas (público, privada, comercial, organizacional etc.). Além disso, boa parte do conteúdo que ofereço aos meus alunos passa por um trabalho minucioso de seleção, edição e construção de um acervo para consulta. Considero que o bom revisor deve conhecer bem os públicos a que se dirige, a fim de alinhar a linguagem o mais próximo possível das expectativas de quem irá receber os textos produzidos; e deve conhecer a gramática para usá-la - não como um guia cego - mas, como um forte aliado na construção de textos coerentes e corretos. Entre seus livros, não podem um bom dicionário e um manual de redação e estilo (de jornais como Estado de São Paulo ou Folha de São Paulo. Sinto-me gratificada em encontrar ex-alunos no mercado de trabalho que dizem que minhas aulas de texto colaboraram para que eles fossem profissionais melhores.”

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos** – Por um interacionismo sociodiscursivo. 2ª ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 2012

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COELHO NETO, Aristides. **Além da Revisão**. Distrito Federal: Editora Senac DF, 2013.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fonte, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual**: Introdução. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOLDSTEIN, Norma. LOUZADA, Maria Silvia. IVAMOTO, Regina. **O texto sem mistério**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2009

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEMONS, Mayara Espíndola . A regulamentação da profissão de revisor de textos: uma medida social necessária. Disponível em <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/869/552> data do acesso: 09 set 2015.

MANGUENEAU, Dominique. **Gêneses do discurso**. Curitiba: Criar, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. 14ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 11ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2003.

